

TEMPO E TRABALHO NA CAPITAL DO JEANS

TIME AND LABOR AT THE JEANS CAPITAL

Vivian Heringer Pizzinga¹

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
vivanhp@globo.com

Recebido em 15 jul. 2019

Aceito em 22 ago. 2019

Estou me guardando para quando o carnaval chegar. Direção de Marcelo Gomes. São Paulo: Vitrine filmes, 2019.

Não é uma tarefa simples definir o que é o trabalho, conforme sinalização de Yves Schwartz. Para esse autor, a realidade do trabalho é uma “realidade enigmática”. Mais do que definir o conceito, talvez seja importante reconhecer o que, do homem, está comprometido quando se trata de trabalho. Já na concepção de ‘trabalhar’ de Christophe Dejours, psiquiatra que desenvolveu a psicodinâmica do trabalho, “o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade (...). Trabalhar não é somente produzir, é transformar a si mesmo (...)” (DEJOURS, 2004, p. 30). Neste sentido, pode-se dizer que o documentário de Marcelo Gomes, *Estou me guardando pra quando o carnaval chegar* (2019), produzido pela Vitrine Filmes, é sobre trabalho. E também sobre tempo. O filme, ao se deter sobre os trabalhadores da indústria do jeans em Toritama, no Agreste pernambucano, entrelaça esses termos – trabalho e tempo – que vêm sempre juntos mas que podem ser pensados de inúmeras maneiras.

O diretor-narrador inicia sua jornada pela cidade conhecida como “capital do jeans” em um tom nostálgico, recordando-se de quando, ainda criança, ia à cidade com alguma frequência, acompanhar seu pai, que era fiscal. Em sua lembrança, a cidade era vazia e silenciosa. No retorno à Toritama do século XXI, porém, encontra um cenário bem diferente do que conhecera outrora: a cidade revela-se movimentada e tomada pelo trabalho com jeans.

Em Toritama, montam-se nas garagens das casas espécies de minifábricas de jeans a que dão o nome de “facções”. Nessas facções, trabalhadoras e trabalhadores estão dedicados a fazer uma atividade repetitiva com alguma pequena

parte do jeans, e quase todos os relatos captados pela câmera de Marcelo Gomes giram em torno da vantagem de trabalhar sem patrão, com autonomia no que diz respeito ao horário e ao tempo, além de os ganhos serem proporcionais à produção. Em todo o documentário, há apenas uma pessoa que lembra que há a desvantagem referente à ausência de direitos trabalhistas. Mas, tirando isso, os cidadãos de Toritama podem dormir no trabalho, trabalham ao lado de casa (quando não em suas próprias residências) e fazem algumas pausas durante o dia para refeições. Ainda assim, trabalham demasiadamente.

O documentário acaba por trazer à tona algumas temáticas importantes. Uma delas é que a vida é reduzida ao trabalho. Eles trabalham todos os dias produzindo jeans, as máquinas de costura estão presentes o tempo todo e, aos domingos, os cidadãos de Toritama vão a uma grande feira vender sua produção. Toritama, encravada no agreste pernambucano, não tem carnaval, não tem praia, não tem cinema, não tem lazer e parece não ter mais nada além de jeans.

A angústia da repetição é tratada no filme quando a câmera se deixa estacionar enquadrando um movimento repetitivo com uma peça de jeans, em que duas mãos anônimas executam dois ou três movimentos (quatro, no máximo) e a câmera não muda de posição. A cena é longa, promovendo a ênfase na repetição e sua obrigatória acompanhante: a monotonia. A cena é também emblemática do que pode ser o sofrimento no trabalho: além da afluente repetição, há o incômodo provocado pelo ruído da máquina (que permeia o filme inteiro). O narrador então tira o som e continuamos a observar os mesmos movimentos, sincopados, quando é introduzida uma música clássica. A câmera é posicionada a partir de outro ângulo, mas não há mudança na atividade. Quanto tempo aquelas mãos devem passar, por dia, fazendo o mesmo movimento? Ou seja: por quanto tempo aqueles trabalhadores e trabalhadoras executam a mesma atividade diariamente? O questionamento trazido pela narração de Marcelo Gomes refere-se ao tempo e à forma como ele é empregado. No entanto, nos relatos obtidos, não há menção à repetição das tarefas, e na cena acima descrita não aparece o dono das mãos. Será que nosso incômodo é também o dele? No caso dos trabalhadores da capital do jeans, eles parecem donos de seu tempo pelo fato de, em geral, não terem um patrão e não baterem ponto. E todos gostam disso e enaltecem a qualidade desse tipo de trabalho. Não há ninguém, entre os entrevistados, que reclame de algo. No

entanto, no que tange ao assunto trabalho, há alguém de fato dono de seu tempo? Não ter patrão é causa suficiente para que sejamos donos de nossos próprios tempos? O que significa exatamente a frase “eu faço o que eu quiser do meu tempo”?

Podemos pensar que o estado atual dos habitantes de Toritama provavelmente é melhor do que no passado, quando não havia nada a fazer e a cidade nada produzia. Como as pessoas se ocupavam? De onde provinha sua renda? O filme não deixa isso claro, com a ênfase recaindo sobre a fase atual da cidade. De fato, num primeiro olhar, é melhor ocupar o tempo com movimentos repetitivos e ruído no ouvido para produção de uma vestimenta que faz a economia da cidade se movimentar do que a cidade parecer um reduto de fantasmas. Entretanto, o filme não deixa de evocar o outro lado do vazio dessa rotina, que, é importante apressar-se em dizer, não se distancia, em seu âmago, das rotinas das cidades grandes e metrópoles, com suas cargas incessantes de trabalho, mais ou menos repetitivas, mas, ainda assim, em grande parte, vazias de sentido para seus trabalhadores. A diferença é que, na vida retratada em Toritama, a repetição, a monotonia, a falta de escolhas que não se evidencia como tal, a redução da vida a apenas um aspecto aparecem de modo cru, mas isso não significa que inexistam em outros contextos. Por outro lado, não deixa de ser estranho que o discurso seja homogêneo, que não haja conflitos existenciais ou de qualquer tipo, no que se refere ao trabalho. No filme, ninguém discorda de que trabalhar com jeans é bom. Ninguém se pergunta se só ter essa atividade econômica de relevância na cidade é positivo.

Além da parte em que a câmera e o narrador frisam a repetição do trabalho, há outro ponto relevante no documentário: trata-se do carnaval que nomeia o filme. E isso é o que há de mais interessante, pois aparece o contraponto do discurso anterior. E não só não há carnaval em Toritama, como tampouco há vida nos dias de folia: a cidade fica esvaziada, não há atrativos de nenhuma espécie. A grande maioria de seus moradores fica “desesperada”, termo usado algumas vezes pelos personagens entrevistados, para viajar, sair da cidade, ir “pra praia” (sic). Nas vésperas dos festejos, tem início uma maratona de vendas de eletrodomésticos e aparelhos os mais diversos que vão pagar a viagem de oito dias para a praia e o carnaval. Uma moça quer vender a geladeira, um rapaz retira de dentro de casa a televisão. À pergunta sobre se a televisão não vai fazer falta (assim como a

geladeira), a resposta é a de que fará falta sim mas depois é possível comprá-la de volta. O importante, naquele momento, é não ficar em Toritama, de jeito nenhum. Ir para o carnaval, praticamente único momento de pausa na produção. As tomadas da cidade nos dias de carnaval são o que a cidade era quando não havia a indústria do jeans.

Reitera-se aqui que não há como negar que Toritama teve uma mudança positiva, ao se tornar a “capital do jeans”, com uma movimentação de pessoas e dinheiro que antes não existia. Entregar-se a movimentos repetitivos o dia inteiro de fato parece ser melhor do que não ter nenhum ofício. Em Toritama, segundo os relatos obtidos na filmagem, não há quem não tenha trabalho. E isso, inegavelmente, é importante. Entretanto, não há tampouco como negar o estranhamento que o trabalho produz a partir da observação dos trabalhadores de Toritama em sua produção incessante de jeans.

O interessante de documentários como esse, sobre trabalho, é que permitem uma observação de fora que leva à reflexão sobre outras realidades de trabalho, inclusive - e sobretudo - as nossas. No caso de Toritama, mais do que fazer acabamentos para bolsos de jeans, por exemplo, o que mais se poderia encontrar nesse trabalho, e que é invisível a nossos olhos debutantes, se pensarmos desde a perspectiva do enigma que o trabalho representa, conforme assinala Schwartz? Nessa feitura interminável de jeans, e em outros trabalhos repetitivos como esse, existentes em todos os lugares, que transformação é possível acontecer na subjetividade de quem trabalha, retomando o gancho de Dejours? Para a concepção marxiana de trabalho no modo de produção capitalista, este refere-se à alteração do estado natural de materiais diversos com o fito de que haja a ampliação de sua utilidade, com a especificidade de que, no caso do trabalho humano, essa transformação foi pensada previamente ao processo de trabalho. Todavia, quando a parte criadora dessa atividade é subtraída do trabalhador, quando ele não se apropria do seu trabalho e nele não se reconhece, o trabalho se torna estranho àquele que trabalha, isto é, torna-se trabalho estranhado. Parece que isso não acontece (ou ao menos não claramente) com os trabalhadores de Toritama, mas não é possível saber se isso de fato não se dá porque são autônomos ou porque são “empreendedores”, e, portanto, confundem-se com o dono do capital sem, no

entanto, ter nenhuma garantia real quando adoecerem ou precisarem parar de trabalhar, porque a garantia, sequer existe para a diversão de oito dias de carnaval.

Estou me guardando para quando o carnaval chegar, no fundo, é sobre a primazia da mercadoria, que faz com que tudo gire em torno dela, bem aos moldes do capitalismo industrial que vigorou até a década de 1970. O jeans é o personagem principal na vida da cidade. O documentário mostra essa realidade específica de trabalho, atravessada pela singularidade do território em que se dá, mas que guarda relação com todos os outros tipos de trabalho, quando se pensa em seus aspectos negativos e adoecedores, no que têm de esvaziados de sentido, repetitivos, desgastantes, pouco criativos e usurpadores da autonomia frente ao tempo.

REFERÊNCIAS

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011.

Sobre a autora

Vivian Heringer Pizzinga

Escritora, psicóloga do CEFET-RJ e doutoranda em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da UERJ, onde pesquisa sobre trabalho e saúde do trabalhador. Tem três livros publicados, 2 de contos e um romance epistolar escrito em parceria. Escreve resenhas sobre teatro e cinema para a revista *Diversos Afins* e para o site *Ambrosia*.